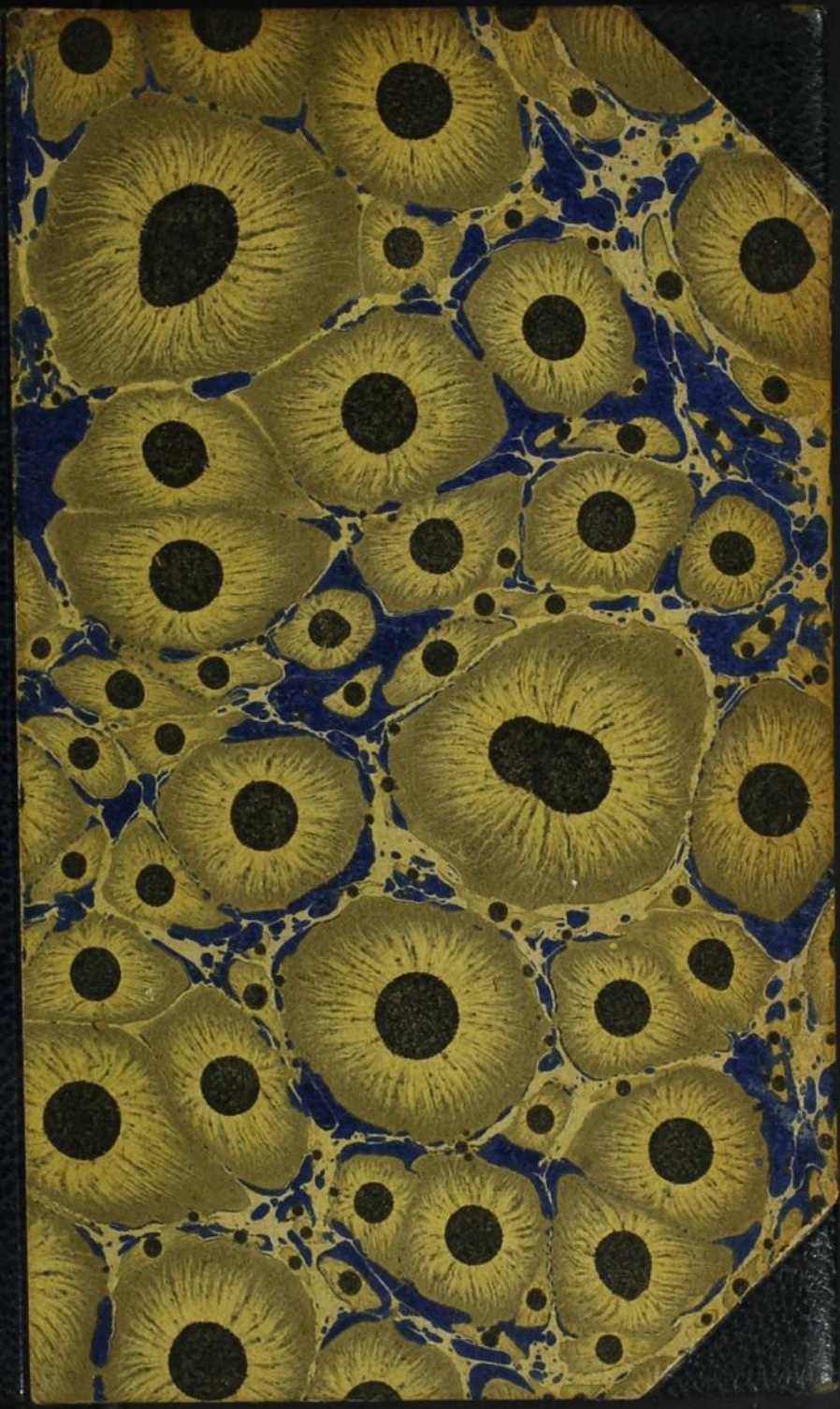
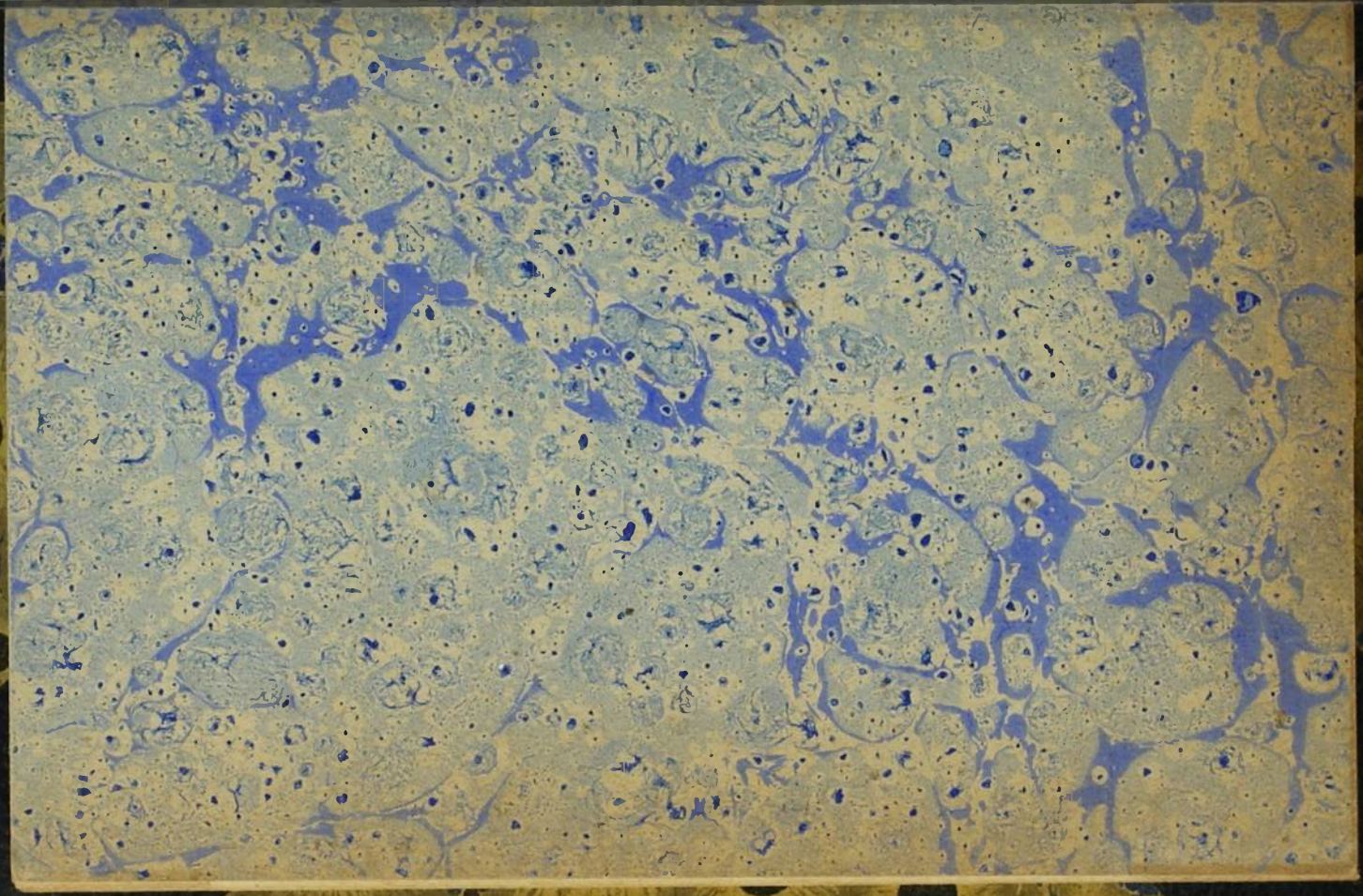


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



G. GAUCHÉ REL.

A Camèleida,

OU

A Congregação dos Lentes de Olinda.

Poèma heroi-comico-satyrico.

OBRA POSTHUMA

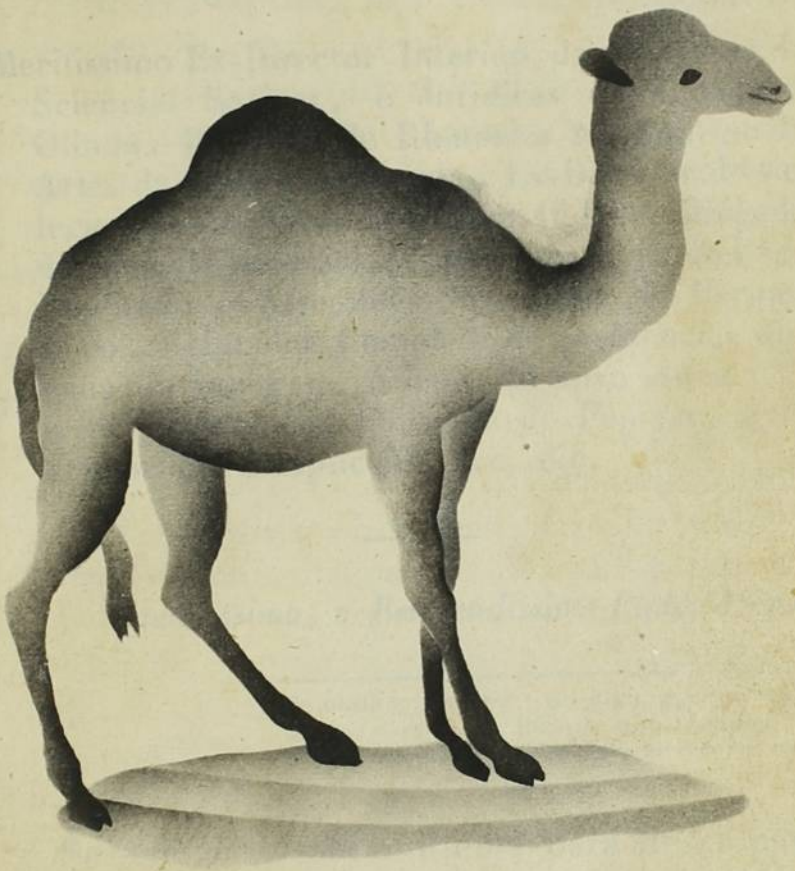
DO

Dalai-Lama do Japão.

S. PAULO.
Typographia Imparcial de Silva e C.ª Rua Nova de S. José n. 41.
1839.

Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

CAMOENS.



A minha espéra
Outros la estão
Para se abrir
A Congregação.

DEDICATORIA.

Ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Padre Mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama;

Meritissimo Ex-Director Interino da Academia das Sciencias Sociaes, e Juridicas da Cidade de Olinda, Professor de Rhetorica no Collegio das Artes da mesma Academia, Ex-Director do Collegio dos Orphãos da mesma Cidade, Pregador da Capella Imperial, Cantor do Luiz do Rego, Deputado á Assembléa Provincial de Pernambuco, Refutador Completo da pestilencial doutrina do interesse, Auctor do novo sistema Material-Theologico, Redactor do Popular, e Escriptor do Carapuceiro. &c. &c.

Illustrissimo, e Reverendissimo Padre Mestre.

A minha gratidão te dá meus versos,
Meus versos de lisonja não tocados.

Se me não vale o thema para desculpar a mesquinhez da offerta, o meu reconhecimento descança na grandesa d'alma de V. R^ma^ Separado de V. R^ma^ pela immensa barreira de longinquos mares, e inaccessiveis montanhas, que medèão entre o pequeno Reino

do Tibet, e o vasto Imperio do Brasil, não podia accreditar que V. R.ma se lembrasse de mim, quando, na sua viagem pela Nova Hollanda, onde (consta-me) tivera a gloriosa ventura de descobrir uns novos bancos de bacalhão, emprehendendo uma nova divisão geographica, houve por bem aumentar os meos dominios, desterrando o Dairi para a contra costa dos alguidares, e fazendo-me Chefe Espiritual do Japão; mas a minha incredulidade cedèo áo peso de um documento do proprio punho de V. R.ma; com effeito assim o ordenava V. R.ma em um dos seus carapuceiros de 1837.

Ora vendo-me penhorado para com V. R.ma por um favor tão extremado, como spontaneo, e sabendo dos seus grandes feitos quando Director Interino dessa Academia de Olinda, não pude vencer comigo entregal-os á posteridade. Metti-me a Poéta, e alinhavei esses pedaços de prosa, á que dei o nome de poèma, só por ter o gosto de dedical-o á V. R.ma Não vai dividido em cantos; porque no Tibet não se observão essas regras: foi feito de um fôlego, e se V. R.ma não lhe descobrir feitio, tenha paciencia, que mais vale a nossa saúde.

Approveito esta occasião para lhe pedir um

exemplar d'aquelle celebre poèma deste mesmo genero intitulado — a Coluneida. Como é obra de V. R.ma, persuado-me que deve corresponder áo alto conceito, que merecem os seus avantajados talentos. Digne-se por tanto V. R.ma acolher benigno este limitado fructo da minha gratidão: e se o debil orgão de minha fraca voz não puder transmittir ás gerações futuras os memoraveis feitos de V. R ma, e dos seus dignos Collegas, Lentes dessa Academia, rogo-lhe que se não deixe acobardar pela injustiça do presente seculo, que eu de minha parte cheio de enthusiasmo, e de esperança, irei sempre exclamando com o Auctor dos divinos Lusiadas.

Toda suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, e obras são de geito
Para vos ter o mundo em muita estima.

Tenho a honra de ser de V. R.ma

Muito respeitador, e obrigado.

O Dalai-Lâma do Japão.

A Camèleida,

OU

A Congregação dos Lentes de Olinda.

Poèma heroi-comico-satyrico.

Não canto feitos d'armas estrondosos
De cruentos heroes, que o mundo pasmão,
Nem d'um Orlando as aventuras canto
So do Vate de Reggio merecidas.
Mais sublimado assumpto me desperta
O constrangido estro, e me convida
A provar as agoas da Hippocrene.
E tu, ó Musa, que renome déste
Ao Toscano Aretino, e presidiste
De Boileau aos versos engraçados,
Traze-me se quer as brancas tintas,
De que usar não quiz Diniz faceto
Quando d'Elvas o Bispo apregoava.
Neste empenho tão grande me soccorre,
Porque do frio Lethes sepultados
Nas esquecidas agoas se não fiquem
Maravilhosos feitos estupendos
Da burrical Congregação dos Lentes (1)
D'Acádemia Juridica d'Olinda;
E a Fama estrugidora por cem tubas
Os divulgue, os proclame n'universo.
Dise-me, ó Musa, porque Nume offenso

Foi de Minerva esse Templo augusto
Em nojosa morada convertido
D'alvares burros; porque má estrella
Da Deusa profanado o sanctuario
Seus ineptos, stolidos Ministros
Sobre seo trono Idolos adorão.
Explica-me os motivos, e as causas,
Porque essa cabilda Doutorada
Com tão brutal furor, com tanta raiva
Contra a Padroeira se rebella.
E que seja proscripta em fim decide.

Não longe da formosa Mauricéa,
Por feitos gloriosos conhecida
Entre as dezoito estrellas, que abrilhantão
A Brasileira Esfera, está plantada
Sobre um outeiro a desditosa Olinda.
Por um lado banhada d'Occeáno,
Já florescente, hoje decahida
Offerece a mais linda perspectiva
Ao nauta sofrego, que demanda terra.
São bellos os contornos da Cidade,
Tão vistosa *de fora*, *quanto é dentro*
Feya, *irregular*, *e mal calçada.*
Conventos derrocados, e vazios,
Enfermos edificios, destacados
Em vedettas perdidas, vão formando
As solitarias ruas tortuozas,
Por onde passão afanados bandos
De seus novos Colonos Academicos,

Que para as aulas presto se encaminhão
Ao som desse monotono badálo.
Pelas verdes ruas não se encontrão
Moradores da terra transitando;
Apenas em magotes se devisão
Conegos obésos cachaçudos
As preguiçosas pernas estendendo.
Um antigo Mosteiro de São Bento
Foi ali de improviso transformado
Em uma Academia de Direito,
Pouco mais de dous lustros ha corrido.
Mais dóe o menos preço, em que foi tida
A educação da nossa Mocidade.
Talento, e luses titulos não crão
Para ser nomeado Professor
Dessa escóla nova ali fundada.
Ser Padre velho, Conego formado,
Ter ouvido de Say quatro licões
Descosidas, e ter um attestado,
Diser que esteve em Franca, ou em Coimbra,
Era bastante; tudo mais supria
Indigna, escandalosa patronage.
Desta sorte o sandèu, e o pedante
Na Cadeira de Lente empoleirado,
Qual se suppunha ser em carne, e osso
O velho Pegas, Mendes, ou Valasco;
Qual, não menos tolo, accreditava
Ser João Baptista Say em corpo, e alma;
Qual em fim se julgava Pardessus
Quando á èsmo citava as Ordenanças

De Marinha de Franca e de Bilbáo.
Sendo porem ridiculo diser-se
Que os Senhores machuchos *Doutoraços*
Nunca o forão de veras, que lembrança!
Forão feitos então por um decreto (2),
E Doutores *legaes* logo surgirão.
Oh facto estranho, oh caso nunca visto!
O' da Fabula Deoses vingadores,
Que dos Filhos da Terra o louco arrojo
Soubestes castigar, e convertestes
A presumpçosa Niobe em pedra,
Vingativa Nemésis, que mudaste
O formoso Narciso em debil flor,
Se desses toleirões vingar quisesseis
A insàna ousadia de ser Lentes,
Bem dev'rieis com igoal justiça
Em leprosos jumentos tranformal-os.
Dest'arte a malfadada Academia
Da récua bestial infausta presa,
Os seos nascentes, obscuros dias
Ia tragando desolada, e tristc,
Em quanto sua Irmã na Paulicéa,
Mais feliz na partilha, tinha sido
Por habeis Professores occupada.
Agora porem, Musa, tu me dise,
Penetrando os arcanos do Destino,
Qual inimigo Genio perseguindo
Academia d'Olinda desd'oberço,
Quiz, e conseguio tornal-a acef'la,
Perdendo o seo primeiro Director (3),

Prestante cidadão, probo, illustrado,
Que fez ali serviços relevantes.
Não me escondas tambem porque motivo,
Estando esse lugar já preenchido
Por outra respeitavel personagem (4),
Devia de passar ás mãos indignas
D'um desfradado hypócrita impostor,
Que da vida monástica enjoado,
Cujos deveres sempre mal comprira,
O claustro desampara sequioso
D'entrar no seculo, e de ser fallado.
Desiembrado vivia o pobre monge,
Morto p'r' o mundo, lã no seu convento
De sotána, e correya na cintura;
Mas das trévas o Genio que insidia
Até o macerado anacorèta
Roido de cilicios, s'encasqueta
No Frade presumido sabichão,
E que largue o Mosteiro em fim consegue.
Ja muito havia qu'era Professor
No Seminário Episcopál d'Olinda;
Mas é difficil contentar pedantes:
Ja lhe fede a Rhetorica surrada
Do velho Quintiliano, e do Barbosa.
Mette-se á gazeteiro, eil-o no campo,
Talhando carapuças, disputando
A palma da victoria á Tolentino
Na satyra, no chiste, e na pilheria.
Entra com desfastio na Politica,
Espinhosas questões todas decide,

Em todas as Sciencias dá quartada,
E um dos sete sabios se reputa.
Mal se vê nomeado Director
O nosso fanfarrão *Dònglin-Dònglin* (5),
Pertende executar logo um projecto
Que d'ha muito nos testos lhe bailava:
Da cáfila Lentática sondando
Os animos, á todos communica
A reforma, que tinha de propôr,
E que havia leval-o á eternidade.
Mas um negocio de tão alta monta
Não podia deixar de decidir-se
Em pleno Consistorio *Doutoral*:
Para logo reune a *Camelada*
Em occulta sessão extr'ordinaria,
Sem que o Povo Academico soubesse;
Pois não devia ser-lhe franqueada
A formal discussão de tal medida.

Eil-os, que se vêem todos congregados,
Vão se assentando em torno de uma mèsa,
Testemunha ocular das parvoices,
Das nojèntas questões ali travadas,
De suas sempre injustas decisoens.
Dònglin-Dònglin toma a cabeceira,
Que como Director lhe competia;
A' direita lhe fica o Secretario,
Conego velho, estupido, e sandèu (6),
Não menos avarento, que orgulhoso,
Cheyo de pueris formalidades

Da rançósa Coimbra; e vai saccando
Do bolso da casaca bolorenta
O seo par de cangalhas, que se achavão
Mettidas no sumonte derramado
Nessa immunda caverna, onde reside
O roto, e cujo lenço de tabaco.
Sahindo do atoleiro mascarradas
Assim mesmo as encaixa no nariz;
Sorve a pitada, e os dèdos alimpando
Na proxima cadeira, vai abrindo
O livro para as actas destinado.
Está aberta a sessão: dice, e sentou-se
Dónglin-Dònglin todo repimpado
N'uma cadeira larga de espaldar.
Da Samarra, e batina desquitado
Logo que os dormitorios do Mosteiro
Resolúto deixou, nunca trajara
Negra lila, e chapéo triangular.
N'um casaco de pregas entonado
Ali compareceo o *paspalhão*
De caiças alvadias, e rajadas,
De collète lavrado de velludo,
Chapeo de copa baixa, e beira larga,
Crepitantes cadeyas do relogio
Ao longo da pança penduradas;
Uma volta vermelha debruada
D'uma renda anilada lhe cingia
Todo o nedio pescòço, e sustentava
A calida papada, que pendia
Em linha vertical sobre o bnadulho;

As encarnadas meyas contrastavão
Com fivélas de prata nos capatos (7).
Ridicula mistura de casquilho,
E de velho jarrèta se observa
No trajar do farfante Director
Que a congregação secreta presidia.
Inda não tinha findo o Secretario
O tèrmo competente d'abertura,
Quando s'erguendo vai Dònglin-Dòonglin
Da poltrona em que estava recostado,
E sacudindo a trèmula cabèça
N'um pomposo discurso assim prorompe:
Com que prasèr, Senhores, reunida
A sabia Congregação eu vèjo agora!
E que de confiança não m'ispira
O alto assumpto, que deve d'occupar-nos
Nesta sessão que tem de decidir
Os futuros destinos meos, e vossos,
E da Gente Academica d'Olinda!
Não venho aqui, Senhores, surpr'endèr
Vossa sabedoria, e madurèza:
Importante medida vou propor-vos;
Mas sua magnitude, e transcendencia
Não quer d'afogadilho ser tractada.
Temos por nosso o tempo, ventilêmos
Com toda profundèza, e sangue frio
Questão d'alto calibre, e d'alta monta.
Entro no caso: tende paciencia
Que serei breve. Nisto o Secretario
Atalha o Orador para pedir-lhe

A faca de marfim, e os guardanápos
Vindos da Bibliothéca do Japão (8),
Que disso tudo agora precisava
Para expediente da Secretaria,
Cujos utensìs sempre zelàra (9).
Nao me interrompa, diz-lhe o Padre Mestre
Do pedido indiscréto azeúmado;
Em outra occasião mais opportuna
Lembre-se de fallar em maravalhas.
No pedido, e resposta a *Camelada*,
Não sei que sal descobre, se desata
Em muitas, repetidas gargalhadas.
A' ordem, meus Senhores, isto é serio,
Prosegue Dònglin trèmulo, enfiado:
Vós não podeis ignorar, Senhores,
As boas disposições, os bons dèsejos,
Que nutre este peito consagrado
A'prol desta nossa Academia.
Observo porem, com magoa o digo,
Um facto que apoyado na memoria
De tantos sec'los, foi-nos transmittido,
Triste legado dos antigos tempos!
Este facto parece oppor barreira
As boas innovações, ao raciocinio.
Não sei descortinar, eu o confesso,
Que fundamento houve, e que motivo
Para ser esta nova Academia
Desde o seo berço logo dedicada
A' essa Deusa ufãna de ser filha
Do Pai dos Deoses vãos do Gentilismo.

Nem tudo quanto vèmos praticar-se
Na velha Europa, na gabada Grecia
Deve ser no Brasil arremedado.
Se á Minerva se quer render um culto,
Esse não deve ser nos extorquido;
N'esta materia quero tolerancia.
Humàno coração cultos não rende,
Holocaústos não faz á Divindades,
Que o interno santir foge, repelle.
Outras muitas, que sejão homogeneas
A' nossas inclinações, que á nossos gostos
Favoraveis se mostrem, nunca infensas,
Sejão nossas perpetuas defensoras;
E sobre as sacrilegas ruinas
Desse alcáçar infame, e vergonhoso
D'uma Deusa inimiga profanado,
Sejão seus novos tronos erigidos,
E de nossos respeitos circundados.
Que profundo pesar, que dor, que sinto,
Quando vejo esta nossa Mocidade
Adorações sinceras, fervorosas
A' um Idolo render, que mal conhece,
Que chama protector só por costume!
Um dia saberão, quiçá não tarde,
Esses illudidos Academicos
Que o Nume infenso, qu'hoje tanto acatão
Mais por imitação, que por instincto,
Seos destinos não vela, não protege
Os mesmos, que fiéis o idolatrão.
Eia pois, Senhores, mãos á obra,

Não descoroçoar convem agora.
Seja dèsde ja entronisada
Em lugar dessa Deusa a Hypocrisia :
Severas Divindades não queremos
Que o arbitrio nos coarctem deshumanas.
Homenagens receba, e nossos cultos
Sacra Immoralidade franca, e livre.
Não menos adorada em nossos peitos
Seja n'um sólio d'ouro collocada
Facil Pedantaria, sempre grata
Aos que adhesão sincera lhe tributão.
Nem isto vos pareça extravagante
Devanèyo de rude phantasia :
São estas Divindades de meo peito,
Que, dèsde a primavéra de meos dias,
Tão fiél adorei, como hoje adoro.
Ingenua confissão do intimo d'alma
Perante as vossas tendes espandúda.
Mão grado meo a vida Monacal
Constrangido abracei, todas as regras
Desse penòso estado posterguei,
Um refinado Hypocrita fui sempre,
Até que alfim cheguei á vèr-me livre
Dessa vida claustral, que me pesava.
Mas nem por isso hoje secular
Deixo de render culto á Hypocresia.
Escuso é allegar altos serviços,
Que á Immoralidade prestei sempre :
Inda hoje venero os seus dictames.
Bem me conhece todo Pernambuco,

Nunca fiz caso dessa imaginaria,
Quimerica Moral deïficada.
Se o Pòço da Panélla, e Casa-forte,
Se a Ponte-d'Uxòa, e Caldereiro,
E outros arrabáldes do Recife (10)
Meos altos feitos attestar quizessem,
Mais eloquentes, e persuasivas
Do que a minha suas voses fòrão.
Que direi agora da Pedantaria,
Dessa, que tanto amo, Deusa augusta?
Eu, que sempre busquei iniciar-me
Nos seos misterios, e nelles distinguir-me?
Fallem por mim meos feitos tão sabidos,
Que o titulo honorifico me derão
Do maior charlatão, do mór pedante.
Quem foi esse, que sendo Deputado,
N'Assembleya propoz desta Provincia,
Que se mandassem logo vir da França
Pòços Artesianos? quem foi esse
Que teve a dita, e gloria de encontrar
Bancos de bacalháo na Nova Hollanda (11)?
Quem foi que em derrota poz completa
O *façanhòso* Bentham, Diderot
Energúmeno, *infamissimo* D'Holbac (12),
E zurzindo toda sucia philosofante
Só com a vergalhada dos apódos,
Chalaças capadoces, pedantescas,
Um novo philosóphico sistema
Material-Theologico fundou (13)?
Se a modestia não fora, que me obriga

A' ser mais reservado, bem podera
Mostrar-vos que ninguem melhor tem feito
O papel de pedante neste mundo.
Esta é pois, Senhores, a reforma,
De que mais urge a nossa Academia:
Folgo de ter a honra de estreala.
Firme opoyo encontrar em vos espero;
E desdouro recáia sobre aquelle,
Que arrastado de falso pirrhonismo,
Ou de uma intollerancia mal assente,
Em balde impugnar uma medida
Que sempre bem dirão nossos vindouros.
Dice: e nos braços arrimado
Da commoda poltrona, vai buscando
Um grato poùso aquella *humanidade*.

Pede venia o Sandèu, todo infunado
Nessas ideyas de supremazia
Por ser Lente mais velho, e Secretario;
Porem Manèbijèto vai saltando
Pela proa ao Sandèu, pede a palavra,
E sem mais esperar que lhá concedão,
De repente se ergue, vai disendo:
A minha popiadade, os meos direito
Eu recramo, Senhores, nem supporto
V'è-me sem pecisão delle esbuiado.
A minha nomeação é mais antiga,
Embora *Senhò Doutò* seja mais *veio.*
Alem disto sustento a todo custo
Outas perogativa, que inda tenho:

Eu sou, meos Senhores, Deputado,
E como *tá*, sou *franco*, e decidido;
Não cedo da palavra, pois me cabe
Fallá logo depois do *Directò*.
E se *arguem* fisé projecto de *insurtáme*
Então bem *buia* com Manébijéto.
Neste conflicto Dònglin decide
Ter a preferencia da palavra
O Doutor mais antigo, e Deputado.
Da decisão se appraz Manébijéto,
Continùa a fallar; mas o Sandèu
Rosnando diz á parte, nunca vira
Um tal costume na Universidade (14).
Ou porque as orèlhas arranhasse
Ao celebre Orador o dito insulso,
Ou porque visse toda *Camèlada*
Rir-se do proemio do discurso,
Mais que muito enfiado sobre a mèsa
Um formidavel murro descarrega.
Eu não posso, nem quero mais *fallá*
Nesta Congregação, assim prosegue,
Eu sempre fui na Camara attendido
Dos Deputados *todo*, nunca *insurto*
Soffri de nenhum delles. Tenho dito,
Não quero mais *fallá* nesta questão.
Tudo quanto aqui se *decidí*
Como Deputado *franco* subscrevo (15).
Dice: e logo de chófre na cadeira
Com as nádegas dá medonho, e irado.
Morno silencio por um pouco adèja

Em torno dos Camèlos congregados;
E mal se apercebia um surdo riso,
Que d'um, ou d'outro timido escapava.

Ao Sandèu competia a sua vez;
Eil-o que se prepara, e se levanta,
E começa a fallar desta maneira:
Nunca approvei, Senhores, novidades;
E nem quisera nesta Academia
O funesto sistema ver plantado
Dessa tão gabada tolerancia,
Que ha de dar com nosco inda em pantàna.
Oh tempos, oh costumes de Coimbra!
Onde nunca poderão ter cabida
Essas *intrigas* de Constituição (16),
Que do culto permitte a liberdade.
E' d'ahi que vem o arremèdo
Destas extravegantes Divindades,
Que o nosso Padre Mestre Director
Teve a feliz lembrança d'impingir-nos.
E' verdade tãobem que sempre imiga
Me foi essa Minerva tão fallada;
Mas se alguma reforma se tolera,
Exemplo temos na Universidade,
Na sua gloriósa idade d'ouro,
Em que reinou a santa Estupidez,
Essa Deusa amiga dos humanos,
Que delles não exige sacrificios,
E que d'um ocio commodo se apraz;
Neste sentido sim haja reforma,

Não posso a essa Deusa ser ingrato.
Quem mais do qu'eu os foros seos defende?
Não quero repetir o que é sabido,
E' tão grande o praser com que a sirvo,
Que unanimes todos me appellidão
BASE FUNDAMENTAL DA ESTUPIDEZ.
Qual d'entre vós se attreve a desputar-me
O merecido titulo de estupido,
Que por notorios feitos hei ganhado?
Não sou do Brasil só conhecido,
Na saudosa Coimbra deixei fama.
Inda hoje será apreciada
Uma dissertação sobre as Sardinhas,
Obra tão primorosa, e celebrada,
Que até Doutor Sardinha me chamárão (17).
Quem, á não ser estupido, ou Sandèu,
Tendo sempre explicado da Cadeira
Desde a creação da Academia
O nosso Patriarcha Mello Freire
Por uns cadernos vindos de Coimbra,
Cobertos de bolôr, velhos, e çujos,
De cór a muito tempo os não soubera?
Pois ainda os não sei, e mal soletro
O pessimo caracter manuscripto
Desse meo peculio precioso.
Não, outra Divindade não consinto
Ser nesta Academia entronisada;
E mais solèmne seja o seo triumfo,
Do que *algum dia* na Universidade,
A' quem cego respeito inda tributo.

Este o voto meo, e nem me abalão
Argumentos, rasões: tudo é quiméra
Para um velho Doutor cá do meo porte.
Estas ultimas vozes proferindo
O Sandèu, apenas se assentara,
Ja toda *Camèlada* em alvoròto
Os assentos deixando amotinada,
Em cardume se ajunta em torno delle
Os ouvidos da bèsta atordoando
Com gritos de applausos estrondosos;
E de tal sorte os ares atroavão,
Que cahir o Mosteiro parecia.
D'algasarra se ajuda *Rufa-cuias*.
Por detraz do Sandèu pondo-se á geito,
Tremenda cacholèta lhe desprega,
E sobre a mèsa as ventas lh'esborracha,
Quebrando-lhe as cangalhas no nariz.
Do fracasso imprevisto o nosso Dònglin
Todo assustado, trèmulo, gritava,
Ordem, ordem, que é isto, que succede
Ao nosso respeitavel Secretario?
Este lugar improprio me parece
Para galhofear. Continuemos
A' nossa discussão de sangue frio.
Entretanto o Sandèu enraivecido
A hora maldisia, em que viera
Com gente tão malvada congregar-se;
E o resto da Sessão não assistira,
Se aos rogos de todos não cedera.

Nisto pede a palavra *Rufa-cuias* (18),
Desta sorte começa *exabrupto*.
Que desastre, que insulto desabrido
Acaba de soffrer nosso Doutor?
Que sacrilego alçou mão violenta
Contra aquella cabeça veneranda,
Aonde mora, e reina a Estupidez?
De mim confesso, tal atrevimenta
Não podia caber nas minhas forças.
Mas elle se consóla: eu já deviso
Sobre o semblante seo manifestar-se
Generoso perdão ao insolente.
Somos todos collégas; a discordia
Não deve desunir tão bons patuscos,
Inter quos non datur geringonça.
Na questão entrarei; mas desde logo
A todos peço sejão tolerantes.
Essa Deusa, que o nosso Secretario
Tão fielmente adora, e não ha muito,
Tantos exforços fez por convencer-nos
De sua supremacia sobre todas,
Quantas são adoradas, Divindades,
Não é cá do meo peito, não, não posso
Ante um Nume curvar-me, que aborrèço.
Monstruoso projecto offerecido
Por nosso Padre Mestre Director
Inda tenho gravado na memoria.
Como, embusteiro Nume, a Hypocresia
Propicia velará sobre os destinos
Desta nascente pobre Academia?

Como assim um culto profanar,
Quando os *bellos espiritos* do seculo
Hoje o tributão gratos, generosos,
A' Deusa Pedantaria bemfasèja
A' todos que não quebrà seos preceitos?
Onde o decidido enthusiasmo
Pela Immoralidade sempre avèssa
A' esses rabugentos impostores
Das miseraveis eras atrasadas,
Que as trevas buscão, que sentir não podem
A luz que os fere da presente idade?
Não admitto pois o contra senso
De confundidos vèr cultos oppostos.
Homenagens não presto, não, não quero
A infame, á malvada Hypocresìa.
Estou prompto á votar mui livremente
Pela Immoralidade, que idolatro,
Nem tão pouco recuso o meo apoyo
A' santa Pedantaria que venero.
Até pasmo, que o nosso Director,
Que fumos nutre de Archi-sabichão
Tão pequenina ideya concebesse,
Que o seo alto conceito desabona.
Mas que muito, se o nosso Padre Mestre
Com mais geito a viola zangarrèa,
Do que emprega as armas da rasão!
Não o quero offender, elle o bem sabe,
Bem longe estou de crer que uma verdade
Mal soante parèça, quando asados
Estão nossos ouvidos á sentila.

Ainda proseguira Rufa-cuias,
Se o não interrompera de repente
O celebre Repuxo, seo collega (19),
Que sofrego estava a muito por fallar.
Ja se ergue, ja funga, e pinotèa,
Tremenda esfregação as ventas gramão,
Trejeitos mil fasendo, e mogigangas,
Mais bugio, do que homem parecia.
Lançando-se á questão, assim começa:
Se por acaso, Senhores, eu não vira
O nosso Secretario succumbido,
Defendendo uma causa, em que a rasão,
E justiça se achão de seo lado;
Se por acaso, Senhores, não devèra
Com elle partilhar o desacato,
Que sua idade acaba de soffrer;
Se por acaso o merito, avalia
Da Deusa Estupidez aqui não forão
Cruelmente feridos, insultados;
Não pedira a palavra, nem quisèra
Entrar em discussão tão calorosa.
A minha opinião despida e nùa
Exporei, pois não quero fatigar-vos.
A Deusa Estupidez é só quem pode
Ser desta Academia Padroeira.
Sabeis por experiencia quão penosas
São as altas funcções do Magisterio,
Que estudos demandão, que talentos
Devem de adornar um Professor,
Porque seja de todos respeitado.

Ora *se por acaso* a Estupidez,
Como propicio Nume, tutellar
Nossas adoraçõcs não receber,
Ai de todos nós! que os Estudantes
Amigos de Minerva, que os ampara,
Pelas ruas porão das amarguras
Nosso falso conceito litterario.
Mas *se por acaso* protegida (20)
For d'ora em vante a nossa Academia
Por essa amiga Deusa Estupidez,
No ocio repousando os Academicos,
Do Nume protector as leis suaves
Saberão respeitar, serão felises.
E' este o vóto meo, de que não mudo.
Não mais um culto só, um só respeito
Ao idolo odioso, que venéra
Esse povo Academico inexperto.
Mao grado seo por toda eternidade
A santa Estupidez reine, triumfe.

Desta sorte pòe termo ao seo discurso,
Que deixára o Sandèu embasbacado,
Por ver com que destrèza, e habilidade
Fòra pelo Repuxo defendido.
Pede venia entretanto Bruto Inglez (21),
Que ali estava rezando as marianas,
Mas que á tudo que ouvira dèra tento.
Ja se mordia, ha muito, de zangado
Por ouvir taes blasfèmias, heresias,
E como se d'um èstasi sahira,

Mui pausado começa, e reflectido:

Com que pesar, Senhores, com que pasmo
Proferidas ouvi nesta Sessão
Opiniões, que offendem despeitosas
Os solidos principios da Moral,
Que deve em todo tempo respeitar-se.
Como pois se pretende dar guarida
A um Idolo infame, que só pode
Em corações corruptos ter entrada?
Ah santa Inquisição! se taes horrores
Ainda castigar hoje podesses,
Impune ficaria a voz sacrilega
Que ousada ferio santos preceitos
D'uma austéra Moral, inda mais santa?
Não posso apadrinhar taes desatinos,
Até creio peccar, se nelles fallo.
Se bem que não desprese, antes adore
A Deusa Estupidez, mais desejara
Puros votos prestar solemnemente
A' santa sempre grata Hypocrisia.
Quem tão cego haverá, que desconheça
Os favores, que presta aos seos validos
Uma tão poderosa Divindade,
Que d'um perverso faz um santarrão?
Ao menos, eu confesso, se a fortuna
Nunca me dèo de rosto, se alcançado
Todos os meos desejos tenho sempre
De tudo me é credora a Hypocresia.
Esta é pois a Deusa bondadosa,

Que deve de reger nossos destinos.
Tudo mais *é quimera*, é *tràma urdido*
Contra nossa boçal sinceridade.
O Doutor Inglez aqui faz ponto;
Em sagrado furor todo abrasado
Não pode mais seguir, vai se assentando.

Ja Doutorada sucia muda, e quèda,
O silencio rompendo em debandáda,
A' gritos repetidos, vótos, vótos
Pedia ao capataz Dònglin-Dònglin.
Devia ser ouvido inda o Gorducho (22),
Que de serio que estava, e empanturrado,
Sua alta dignidade rebaixára,
Em discussão entrando tão mesquinha.
Humildemente Dònglin pergunta
Ao Gorducho, se um ar de sua graça
N'aquella occasião dar se não digna.
Responde-lhe o Doutor mui circunspecto,
Que seo vóto daria livremente;
Mas que em debates não, não s'envolvia,
Que delles ja se achava *sastifeito*.

O momento fatal era chegado,
Que devia enlutar, ennegrecer
A aurora nascente de esperanças,
Com as trevas do oppróbrio, e da vergonha.
Ah pobre Academia! cruéis Fádos
Em torno a ti revôão, te perseguem,
Para longe de ti sempre arredando

Glorioso porvir, que te esperava.
O verdor de teos dias vai murchar-se,
Como em frèsco botão morre esmagada
Por dura mão do ferro a flor mimosa.
Teos pseudo — Ministros, teos algoses
Teo Nume tutellar proscrevem, lavrão
De tua morte a barbara sentença.
Correndo a votação, ja se decide
Seja d'ali Minerva desterrada,
Até se determina que seo nome
Para sempre esquecido nem se falle.
Quatro inimigos Genios reconhece
A ferina brutal Congregação
Ordenando que sejão adorados
Em lugar dessa Deusa ja proscripta
Torpe Immoralidade, e Pedantismo,
A rude Estupidez, Hypocresia.

Achava-se o Sandèu atrapalhado
Com a redação da acta, que devião
Os Lentes assignar, e o Director,
Dizendo á cada passo — *isto faz obra* (23).
Não escrevo o que diz Doutor Gurducho.
Nisto se gastão horas esquecidas,
Até que á muito custo se resolve
A escrever o Sandèu tudo que ouvira.
Dèsde logo se marca, e se combina
Um dia festivál para intimar-se,
Em plena Academia reúnida,
Esse nefando firman vergonhoso

Da gente burricál, que impera, e manda.
Levantada a Sessão a *Camèlada*
Contente vai sahindo, e se dispersa.

Fixado o Edital na porta grande
Da sála para os actos destinada,
Apenas a noticia se divulga,
Alarma assustador por toda Olinda
Súbito se dorrama; ja vaguèão
Enxàmes de Academicos, ja correm
Por essas èrmas ruas pressurosos
A' ler o Edital, que os inquiéta.
Com tristonhos semblantes, cabisbaixos
Para suas moradas se recolhem,
O futuro temendo, que os aguarda.
Assim, tristes passavão noite, e dia,
Nas nocturnas palestras lamentando
O destèrro fatal da Padroeira,
A nova introducção de infensos Numes.

Do roseo lèito apenas se levanta
A filha de Titam risonha, e bella,
E com os dèdos dourados vai abrindo
As portas do Oriente, annunciando
Assomar a carróça fulgurante
De Phébo creador, que sobre a terra
Derramar vem de novo a claridade;
Ja do Mosteiro o grande sino brada,
Crébros repiques pelos ares trôão,
E festivas girándolas alternão

Com a voz do alto bronze o estampido.
Das béllicas trombètas o clangor,
Que os filhos reunia de Mavorte,
Echo repete, os animos assusta
Do povo habitador, que mal sabia
Ter o solemne dia ja raiado
Para acclamada ser, e applaudida
A secreta Academica reforma.
Não debalde temia o Director
Frustrado vèr o barbaro destèrro,
Que em negra espelunca a mão do crime
Tinha a sabia Minerva decretado.
Sim, que para o frustrar, inda restavão
A' essa Mai proscripta, atraiçoada,
Academicos Filhos, não bastardos,
Do horrendo attentado não culposos.
Mas ao poder das armas tudo cede:
Ja Dònglin matreiro as ordens suas
Tinha posto uma força militar,
Pelo *Perú de roda* commandada (24)
Para prender, matar, faser estragos
Se ousasse gemer a *rebeldía* (25).
Official *refurmado* em Coronél
Era esse Roldão Espada-preta,
Pelos seos altos feitos conhecido
No Reino da Sandice, e da impostura,
Quadragessimo nono descendente
D'El-Rei D. Diniz de Portugal.
Outróra nomeado Secretario
Da grande legacia do Perú,

Foi depois governar o Rio Negro,
A manteiga inventou da tartaruga,
Na misera Belém fez truques altos.
De plumas, fardalhão, e durindàna
A força commandando, vai postar-se
No adro do Mosteiro de São Bento.
De topête empinado alí bufando
Cortejava o Britanico Roldão
Os Lentes que passavão mui lampèiros,
Do solemne festejo desejosos.
Academico Povo reunido
Em grupos se crusando nos geraes
Odioso festim triste esperava.
Guarnecião as portas sentinellas,
Que gritavão alerta á cada passo.
Pela primeira vez o Sanctuario
Da mansa, amiga Deusa da Sciencia
O brado atterrador ouvio da guerra.
Nisto ao longe desponta o Director,
Dá-se pressa o Roldão em recebèl-o,
Manda que as armas logo se apresentem,
Sinal d'obediencia, e de respèito.
Ja se abre o salão, cujas paredes
De damascos, e flores se vestião;
Coberto de alcatifa o pavimento
Juncavão verdes palmas triumfáes.
Os altos Doutoraes erão forrados
De macios veludos escarlatas,
De aurea bordadura matisados.
Eminente cadèira magestosa,

Trajando rica téla bem mostrava
Ser para o Director só destinada.
Eil-o que vem entrando precedido
Dos tristes Estudantes, e Doutores;
Vai tomando o lugar, que lhe compete,
Os outros vão seguindo o seo exemplo.

Ja em mudo silencio o auditorio
Attento pende dos facundos labios
Do Padre Director que assim começa:
Academica Illuste Mocidade,
A quem de derigir me coube a honra;
Longe de vós o susto, e a soprèza!
Salutar dicisão venho intimar-vos
Dos disvelos o fracto primorôso
Dessa Congregação, de quem sou orgão,
E a quem respeitar muito devèmos.
Dos males, que vos pesão, condoida,
Quer dar-vos o remedio, soccorrer-vos.
Aos vossos destinos presidir
Não ha de mais ingrato, infesto Nume.
Proscripta para sempre foi Minerva;
De eterna execração seo nome seja
Esquecido por vós nestes recintos.
Propicias Divindades protectoras
Os fados vossos vão reger futuros.
A molle Estupidez, a Hypocresia,
Que seos adeptos grata favonèa,
Santa Immoralidade, que despresa
Da satira mordaz golpe ferino,

Outra Deusa não menos bemfasèja,
Meiga Pedantaria, facil, branda.
Eis o que dicidirão congregados
Soberanos Doutores, vossos Lentes.
Altos juisos seos .. assim ordenão:
Respeito, obediencia só vos cumpre....
Estas voses tão duras, tão severas,
Que Academicos peitos magoarão,
Por duas veses forão repetidas,
Forão por vezes duas escutadas.
Acabado o discurso se levanta
A turba Doutorada, quando a tropa
Em marcial bolìço se aprestava
Para as honras fazer da ovação.
Em duas grandes filas se postára;
Em cortejo passavão pelo mèio
O grande Director, e mais os Lentes.
Dest'arte conseguio pleno triumfo
O sceptro da Sandice, e Iniquidade.
Porem Jove Suprèmo, que o destèrro
Affrontòso da Filha sabe apenas.
Querendo castigar tão grande insulto,
Ordena á Fama, que veloz correndo
A' Còrte, patentèe fatal successo.
Informado o Governo do desastre,
Que acaba de soffrer a Academia,
Sabendo que o inhabil Director
Do horroròso crime fòra o chefe,
Dimitte o do lugar, outro nomèa (26).
Não deverão porem ficar isentas

Da justa punição as outras bèstas.
Um dia inda virá, se bem que tarde,
Em que a vil impostura, e a ignorancia
Irão ao *vilipendio*, *irão* ao *nada*.

FIM.

NOTAS.

(1) Todo mundo bem sabe que está mui devida, e honrosamente exceptuado o Illm. Sr. Dr. Autran.

(2) Quem negará que se agarravão á laço Lentes, que devião fundar a Academia de Olinda? quem fez Doutor o P.e Antonio José Coelho, que estando á pique de ser reprovado no 5.º anno em Coimbra, nem ao menos fôra Bacharel *simpliciter*, se não encontrasse a caridade do Dr. José Joaquim da Cruz, que assistindo á votação, pedio aos seos collegas examinadores *que não enxotassem os Padres do Brasil, e deixassem passar a besta, por ser o unico, que ali se achava então.* Em que Academia do mundo foi Doutor *Manébijéto*, por outra Manoel Maria do Amaral? Quem doutorou Fillipe Jansen de Castro e Albuquerque? Não ha muitos annos que tomárão elles o gráu de Doutores em Olinda, ja depois de Lentes.

(3) O Illm. Sr. Doutor Lourenço José Ribeiro.

(4) O Illm. e R.mo Sr. Doutor Manoel Ignacio de Carvalho.

(5) Esta palavra tem dente de coelho; quem quizer saber o que ella significa, lèia o Argos Olindense n.º 17 in fine.

(6) Este é o célebre Antonio José Coelho.

(7) Este contraste não é extravagante, porque o R.do é Pregador da Capella Imperial, e d'ahi é que lhe vem a Senhoria *de jure.*

(8) Quis potest capere, capiat.

(9) E a prova do *seo* zelo é, que tendo perdido um chapeo de sol, dice muito zangado nos geraes — ora esta não está má; andão tirando os utensilios da Secretaria!

(10) Estes lugares são os vivos theatros das folias, e patuscadas escandalosas, em que passava a festa o Moralista, inda quando sujeito ás leis do Patriarcha!! Desminta, P.e M.e, a tado Pernambuco.

(11) Os póços Artesianos não foi elle quem requereo na Assemblea Provincial de Pernambuco, que se mandassem vir da França: isto é pêta, e elle mesmo ja o negou; e de mais como poderião vir esses pòços da Europa? só por artes de Berliks, e Berloks. Mas o peior é que pilhárão o projecto escripto por sua propria letra, e foi lido por muita gente boa; porem elle está disposto a não dar mais *cavaco*, assim como nunca deu pelos bancos de bacalháo da Nova Hollanda.

(12) Com estas armas é que elle costuma combater, e refutar esses pedaços d'asnos philosophos sensualistas, como Bentham, D'Holbac, Diderot, e toda essa corja de toicirões!! que tolerancia, e humildade Evangelica!,.

(13) Este é o engenhoso sistema por elle propalado nos Carapuceiros, e em alguns numeros do Diario de Pernambuco de 1838, sistema delicado, que concilia o antigo credo philosophico do seo auctor com a nova converção para a Theologia Exegética, e Dogmatica.

(14) La para o Dr. Universidade é sinónimo de

Coimbra; quando esse Camèlo quer censurar algum facto, a mais forte rasão é *que na Universidade nunca tal se praticou.*

(15) Não se admire o leitor de ouvir fallar desta sorte um Lente, e Deputado *franco*, como Manébijéto; porque depois que veio da Europa, e apprendeo Economia Politica com João Baptista Say, de quem (diz elle) tem a gloria de ser discipulo, e a honra de ser amigo, perdeo a lingoa patria, e hoje é uma lástima, falla um dialecto misto Anglo-franco-luso, tão estranbótico, que muito se parece com a lingoagem de um Africano boçál de Congo, ou Moçanbique. Disem as más lingoas que isso é de proposito, porem é pèta; porque este nome de Manébijéto derão-lhe na Camara dos Deputados; e como esta é a sua propria falla, não se deve contrafasel-a.

(16) Assim chama elle as questões de Direito Publico Constitucionál.

(17) Essa famosa dissertação foi por elle feita no primeiro anno de Historia Natural, em que foi reprovado. Com 5 rs. de sardinhas jantava uma familia em Portugal n'aquelle tempo, e pelo novo processo de pescaria por elle inventado, vinha á custar 15 rs. cada sardinha. Ah Coelho immortal!!!

(18) Este é o Baptistinha. Derão-lhe este nome porque ja rapasinho andava pelas ruas tocando tabaque n'uma cuia.

(19) Repuxo se chamava o pai do Padre Cha-

gas; mas este nome não pode assentar no Re
rendo; porque *se por acaso* elle fosse seo filh
não lhe teria dado com um cacête, e tanto q
para poder tomar ordens, sua honrada Mãi
gou em Juizo tal paternidade; mas em contra
dizem que, ha poucos annos, querellara de
irmão em vesperas de ordenar-se, por um cord
de ouro. Quidvero? são cousas em que não
metto.

(20) E' talvez a unica palavra, que não dec
das postillas alheyas; porque ja houve quem o
visse na Cadeira repitir 14 veses n'um quarto
hora o seo favorito *se por acaso.*

(21) Isto ha de ser engano; porque o Dr. c
ma-se Nuno Aic de Alvellos Aines de Brito Ingl

(22) O Illm., e Repolhudo Sr. Dr. J
Capistrano Bandeira de Mellõ, que ja sendo Le
só foi homem *publico*, quando foi eleito Dep
tado. *Non ragioniam dilor, ma guarda e passa*

(23) E' assim que o Sandèu chama a t
quanto a seos olhos involve alguma responsa
dade contra elle, ou a Soberana Congregaç
de maneira que sendo as congregações secr
nem ao menos se podem tirar as certidões
actas; porque *fasem obra.*

(24) Este é o pai do *filho Doutor*: o *cu
reformado* José de Brito Inglez, que dep
ter feito altas proésas na arte da guerra no
não podendo á final defender aquella praça c
as terriveis baionetas *amarellas*, retirouse h

Tenho para mim que a gravura
do camelo é feita por Hercules
florence segundo o processo
que inventou.